

# História Medieval no ensino fundamental: relato de experiência em uma escola pública do distrito de Mosqueiro (Pará - Brasil)

*Geraldo Magella de Menezes Neto*

Faculdade Integrada Brasil Amazônia

Belém – Pará – Brasil

geraldoneto53@hotmail.com

---

**Resumo:** O presente artigo pretende tratar do ensino de História Medieval para o ensino fundamental, sugerindo a abordagem de três temas: a alimentação, a moradia e o lazer. Entendemos que a Idade Média pode ser vista em sala de aula a partir do cotidiano, o que aproxima esse período histórico da realidade dos alunos e possibilita a relação passado-presente, tornando o aprendizado mais significativo. O artigo também relata uma experiência desenvolvida com alunos da 6ª série de escola pública em Belém do Pará, no distrito de Mosqueiro.

**Palavras-chave:** Alimentação. Ensino de História. História Medieval. Lazer. Moradia.

---

## Introdução

Muitos professores consideram especialmente árdua a tarefa de ensinar História Medieval. A distância que separa os alunos de época tão remota, argumentam alguns, seria um dos principais obstáculos. Como despertar seu interesse por tema tão antigo? Como passar às novas gerações conceitos, ideias e fatos que, aparentemente, têm tão pouco a ver com o mundo de hoje? Mas seria bem diferente se eles mostrassem a seus discípulos que, como veremos a seguir, e embora muita gente não se dê conta, nosso próprio cotidiano está impregnado de hábitos, costumes e objetos que vêm de muito mais longe do que se pode imaginar (FRANCO JÚNIOR, 2008, s/p.).

Iniciamos este artigo com as palavras de um dos maiores medievalistas brasileiros, Hilário Franco Júnior, como ponto de partida para uma questão importante para os professores de História e graduandos de licenciatura: como ensinar História Medieval nas escolas? À primeira vista, o Brasil não teria nenhuma ligação com uma história de que não faz parte, afinal, o Brasil ‘não tem uma Idade Média’.

As palavras de Hilário Franco Júnior nos estimulam a ver uma Idade Média muito mais próxima do que possamos imaginar. E a tentarmos, enquanto professores, uma abordagem da Idade Média que a aproxime dos alunos.

Nesse sentido, o presente artigo pretende contribuir para o ensino de História medieval no ensino fundamental propondo sugestões e fazendo um relato de experiência de uma atividade desenvolvida na escola pública. As sugestões aqui apresentadas são os temas da alimentação, moradia e lazer no período da Idade Média, a partir de uma história do cotidiano. Acreditamos que tais abordagens possibilitem um ensino mais agradável e significativo aos alunos do que a simples memorização dos acontecimentos da época medieval.

### **História Medieval e ensino: breve discussão historiográfica**

Segundo Elza Nadai (1993), os estudos históricos foram inseridos no Brasil no currículo do Colégio Pedro II, na então capital do império Rio de Janeiro, em 1838, a partir da sexta série. A história inicialmente estudada no país, segundo Nadai (1993, p. 146) foi a História da Europa Ocidental, apresentada como “a verdadeira História da Civilização”.

Mesmo com as reformas no currículo no início da República, a História Universal continuou privilegiada. No currículo dos ginásios do estado de São Paulo, por exemplo, o estudo da Idade Média era feito no quarto ano. Conforme Nadai (1993, p. 148), “iniciava-se com o estudo dos ‘bárbaros’ germânicos, o Império Bizantino no reinado de Justiniano, continuava com os árabes, Carlos Magno, feudalismo até a estruturação da Igreja Católica”. Assim, a Idade Média seguia a clássica configuração do estudo da História a partir de períodos que tomavam como referência os acontecimentos da Europa Ocidental: História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea.

Portanto, a Idade Média sempre esteve presente no ensino de História no Brasil. No entanto, como é abordada? Os conteúdos priorizados ainda são os mesmos apontados por Nadai (1993)? Vários estudos recentes apontam que o ensino da Idade Média tem reforçado o estereótipo da “Idade das Trevas”, assumindo assim uma visão negativa na formação dos alunos.

Primeiro, é importante entender que o termo “Idade Média” foi criado no século XVI. O termo expressava, segundo Hilário Franco Júnior (2006, p. 11), “um desprezo indisfarçado em relação aos séculos localizados entre a Antiguidade Clássica e o próprio

século XVI”. Nesse sentido, o preconceito em relação à Idade Média construído na chamada Idade Moderna acabou por influenciar nas abordagens em sala de aula.

Para Nilton Mullet Pereira (2012, p. 234), o ensino de História Medieval ainda está “impregnado do olhar que renascentistas e iluministas lançaram sobre o medieval”:

Essa perspectiva protagonizada pelos filósofos iluministas é também, via de regra, reproduzida nas salas de aula de História, para quem a Idade Média é apenas um intervalo de tempo mórbido e escuro, a partir do qual as nações emergem e iniciam uma escalada de distanciamento de um estado infantil e selvagem à maturidade e à adultez, e o homem medieval é um estranho/criança que funciona como um espelho para a constituição do homem racional, adulto e senhor de si mesmo – o sujeito moderno.

Os livros didáticos tornam-se, nesse contexto, os principais meios de divulgação da História Medieval nas escolas, já que na maioria das vezes eles são os únicos recursos didáticos de que dispõem os professores, principalmente os que atuam nas escolas públicas. Dessa maneira, o livro didático acaba por orientar os professores acerca dos conteúdos da história medieval a serem trabalhados com os alunos.

Vários pesquisadores têm criticado o modo como a história medieval é abordada pelos livros didáticos. José Rivair Macedo (2011, p. 111) afirma que o que orienta a reprodução do conhecimento relativo à Idade Média europeia nos livros didáticos de ensino fundamental e médio é a

evolução das formas de governo, isto é, o governo temporal dos reinos e do império, e o governo espiritual/temporal da Igreja; (...) a configuração dos grupos sociais, com particular ênfase das relações de dominação entre senhores feudais e camponeses, ou então na formação e decadência do feudalismo e a germinação do capitalismo moderno.

Ou seja, há uma excessiva valorização dos acontecimentos políticos. Luciana de Campos e Johnni Langer (2007) apontam que os conteúdos da Idade Média nos livros didáticos de História também reforçam preconceitos e estereótipos. Campos e Langer (2007, s/p.) afirmam que uma das grandes dificuldades com que os autores de livros didáticos parecem se deparar no momento da elaboração das suas obras “é o tema da figura do *outro*, da alteridade e dos conflitos culturais na história antiga e medieval”. Muitas vezes, o resultado acaba sendo a perpetuação do binômio civilização *versus* barbárie. Em um manual paradidático analisado, por exemplo, há “a ideia da superioridade da religiosidade do Ocidente medieval”, valorizando o cristianismo e tratando de forma equivocada o paganismo escandinavo e o islamismo.

Nilton Pereira e Marcello Giacomoni (2008, p. 94) identificam que nos livros didáticos “a noção da hierarquia rigidamente estabelecida parece um elemento central na definição da sociedade medieval”. Os autores dos livros didáticos “procuram mostrar a

teoria das ‘três ordens’ como algo que possuía existência concreta na Idade Média e perpassava todos os períodos da vida medieval”. Desse modo, a Idade Média aparece como um mundo estático, sem uma dinâmica de permanências e transformações. A consequência disso, para Pereira e Giacomoni (2008, p. 95), é que o estudante “não reconhece nos homens comuns a possibilidade de fazer História e de intervir nos processos sociais”<sup>1</sup>.

Assim, torna-se necessária uma abordagem da Idade Média que saia do lugar-comum, que é a análise dos fatos políticos e a difusão de estereótipos. Entendemos que, procurando outras abordagens, os alunos podem ter uma visão menos negativa da Idade Média, e estabelecer relações com o seu cotidiano, com o presente.

### A história do cotidiano no ensino de História

A proposta deste artigo é trabalhar a história medieval com temas do cotidiano, a exemplo da alimentação, moradia e lazer. Mas o que seria o cotidiano?

Para Certeau<sup>2</sup>, por exemplo, o cotidiano se compõe de numerosas práticas ordinárias e inventivas e não seguem necessariamente padrões impostos por autoridades políticas ou institucionais. Já para Agnes Heller<sup>3</sup>, a vida cotidiana é a vida de todo homem, e todos já nascem inseridos na sua cotidianidade, na qual participam com toda sua personalidade: com todos os sentidos, capacidades intelectuais, habilidades manipulativas, sentimentos, paixões, ideias, ideologias. Heller identifica e delimita as partes que constituiriam a vida cotidiana como a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação (SILVA & SILVA, 2013, p. 75-76).

Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky (2012, p. 23) destacam que o passado deve ser interrogado a partir de questões que nos inquietam no presente. Portanto, “as aulas de História serão muito melhores se conseguirem estabelecer um duplo compromisso: com o passado e o presente”. Os autores defendem como postura de ensino a estratégia de abordar a História a partir de questões, temas e conceitos. Nesse sentido, não há porque não dar conta dos novos objetos e abordagens que o método histórico incorporou nos últimos anos, em que, tendo como destaque o quadro cultural, “estudam-se aspectos mais íntimos como a vida privada e as dimensões da experiência humana ligadas à sexualidade, aos costumes, aos afetos e às crenças” (PINSKY; PINSKY, 2012, p. 26-27).

<sup>1</sup> Na mesma linha de pesquisa sobre a análise da Idade Média nos livros didáticos de História podemos citar dentre outros: SILVA, 2005; SILVA, 2011; DUARTE; OLIVEIRA, 2012; MURILO, 2013.

<sup>2</sup> CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 2002, 2v.

<sup>3</sup> HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Holien Gonçalves Bezerra (2012, p. 44-45) chama atenção para a importância da ideia de “processo histórico”, que deve buscar aprimorar “o exercício da problematização da vida social”, para identificar as relações sociais; “perceber as diferenças e semelhanças, os conflitos/contradições e as solidariedades, igualdades e desigualdades existentes nas sociedades”; “comparar problemáticas atuais e de outros momentos”, “buscar as relações possíveis com o passado”. Soma-se a isso, a importância de os alunos perceberem o conceito de ‘tempo’, fundamental no ensino de História na escolaridade básica, que supõe que se estabeleçam “relações entre continuidade e ruptura, permanências e mudanças/transformações, sucessão e simultaneidade, o antes-agora-depois”.

Para Circe Bittencourt (2004, p. 165), “a associação entre cotidiano e história de vida dos alunos possibilita contextualizar essa vivência em uma vida em sociedade e articular a história individual a uma história coletiva”. A autora afirma ainda que:

O cotidiano deve ser utilizado como objeto de estudo escolar pelas possibilidades que oferece de visualizar as transformações possíveis realizadas por homens comuns, ultrapassando a ideia de que a vida cotidiana é repleta e permeada de alienação (BITTENCOURT, 2004, p. 168).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) do ensino de História para o Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental, elaborados pelo Ministério da Educação no final dos anos 1990, sugerem que no terceiro ciclo do ensino fundamental o professor deve iniciar o estudo dos temas na perspectiva da História do cotidiano:

Essa é uma escolha didática para os alunos distinguirem suas vivências pessoais dos hábitos de outras épocas e relativizarem, em parte, os padrões de comportamento do seu próprio tempo. É possível destacar a maneira de as pessoas trabalharem, vestirem-se, pensarem, conviverem, evidenciando relações sociais, econômicas e políticas mais amplas, que caracterizam o modo de vida das sociedades. Na dimensão particular da vida, na repetição de hábitos no dia-a-dia, existem experiências acumuladas ao longo de processos históricos (BRASIL, 1998, p. 54).

No terceiro ciclo, os PCN's também sugerem aos professores o eixo temático “História das relações sociais, da cultura e do trabalho”, que se dividem em dois subtemas: “As relações sociais e a natureza” e “As relações de trabalho”. No subtema “As relações sociais e a natureza” podem ser trabalhadas questões pertinentes aos “recursos naturais, às matérias-primas e à produção de alimentos, vestimentas, utensílios e ferramentas”, “ao tipo de propriedade e uso da terra”, “às relações entre a natureza e as atividades de lazer” (BRASIL, 1998, p. 55).

## **Tema 1: a alimentação na Idade Média**

Dentro dessa perspectiva, vamos nos referir primeiramente ao tema da alimentação, que pode ser trabalhado pelos professores em sala de aula no conteúdo relativo à História medieval. Tema presente quando se aborda o cotidiano dos povos ao longo do tempo, a alimentação tem chamado a atenção de vários pesquisadores. Carlos Roberto Antunes dos Santos (2005, p. 12) aponta a importância da alimentação como objeto de estudo dos historiadores:

Há, hoje, uma obsessão pela história da mesa, fazendo com que a gastronomia saia da cozinha e passe a ser objeto de estudo com a devida atenção ao imaginário, ao simbólico, às representações e às diversas formas de sociabilidade ativa. Neste sentido, a questão da alimentação deve se situar no centro das atenções dos historiadores e de reflexões sobre a evolução da sociedade, pois a História é a disciplina que oferece um suporte fundamental e projeta perspectivas.

Santos (2005, p. 12-13) indica ainda o fato de que “a formação do gosto alimentar não se dá, exclusivamente, pelo seu aspecto nutricional, biológico”. Assim, o alimento constitui “uma categoria histórica, pois os padrões de permanência e mudanças dos hábitos e práticas alimentares têm referências na própria dinâmica social”. O ato de comer é um “ato social, pois constitui atitudes ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações”. Neste sentido, “o que se come é tão importante quanto quando se come, onde se come, como se come e com quem se come”.

Outro autor que chama a atenção para o estudo da alimentação é Fábio Pestana Ramos (2010, p. 97). Segundo ele,

A história também pode ser entendida através da evolução dos hábitos e costumes alimentares. Além de ser parte importantíssima da sobrevivência material da espécie, a alimentação está ligada a questões culturais e religiosas, a distinções sociais, étnicas, regionais e até de gênero, a problemas ambientais, ao desenvolvimento econômico, às relações de poder e a tantos outros assuntos que demandam a atenção dos historiadores.

Ramos (2010, p. 99) aponta que estudar a alimentação na sala de aula “tem a grande vantagem de permitir um contato direto com a realidade comum a qualquer educando, independentemente de sua classe social ou condição cultural”.

Historiadores especialistas na Idade Média, como Jacques Le Goff (2005) e Hilário Franco Júnior (2006) também destacam o tema da alimentação em suas pesquisas. A partir desses estudos vamos entender alguns aspectos relativos às refeições na Idade Média.

Em primeiro lugar, não se pode falar na alimentação da Idade Média sem fazermos referência às diferenças entre as camadas sociais. Tradicionalmente, o período medieval é associado a três classes sociais, caracterizadas pelo imobilismo social, as chamadas “três ordens”: o clero, constituído pelos membros da Igreja Católica, cuja função era rezar, ou

seja, o de serem os intermediários entre Deus e os homens; a nobreza, constituída pelos senhores feudais e cavaleiros, que tinham o objetivo de defender a fé cristã; e os camponeses ou servos, constituídos pelos trabalhadores rurais, cuja função era o trabalho.

No entanto, tal esquematização, muito utilizada nas escolas, trata-se de uma construção ideológica da Igreja Católica naquele período. Hilário Franco Júnior (2006, p. 89) aponta a influência da Igreja nos séculos XI – XII como produtora de ideologia, que “traçava a imagem que a sociedade deveria ter de si mesma”. A elaboração mais famosa da imagem da sociedade medieval foi a do bispo Adalberon de Laon, realizada provavelmente entre 1025 e 1027, que afirmava que há um triplo estatuto na Ordem: “uns rezam, outros combatem e outros trabalham”. Contudo, existiam várias outras camadas sociais em diversos períodos da Idade Média, tais como: as camadas médias rurais e urbanas, trabalhadores livres urbanos, colonos, camponeses livres, escravos, assalariados, burguesia, etc.; além dos que Jacques Le Goff (2005) considera como os excluídos: os heréticos, leprosos, judeus, feiticeiros, sodomitas, doentes, estrangeiros, desclassificados.

Mesmo reconhecendo as limitações do esquema das “três ordens” e a diversidade das camadas sociais na Idade Média, optamos por trabalhar o tema da alimentação e o da moradia e lazer destacando as diferenças entre a nobreza e os camponeses (servos), já que nas pesquisas dos medievalistas são as classes mais citadas, e nas quais podemos perceber vários aspectos de seu cotidiano. Além disso, o fato das diferenças entre esses dois grupos serem significativas, faz com que os alunos tenham maior facilidade de compreender as distinções entre as camadas sociais na época medieval.

Jacques Le Goff (2005, p. 355) afirma que a sociedade medieval era uma “sociedade de aparências” em seus comportamentos e atitudes. Nesse contexto, “a alimentação é a primeira ocasião para as camadas dominantes da sociedade manifestar sua superioridade neste domínio fundamental que é o das aparências”. Desse modo, a alimentação tinha um papel fundamental para evidenciar as distinções sociais naquele período.

Uma fonte importante para demonstrar a importância da alimentação na Idade Média é o relato do cartuxo Guilherme de Conches (*apud* LE GOFF, 2005, p. 358), que se indigna com a atenção que o clero dá às refeições em detrimento das questões religiosas: “O maior número de nossos bispos resolve o universo para encontrar alfaiates ou cozinheiros capazes de preparar requintados molhos apimentados... quanto àqueles que se entregam ao saber, fogem deles como dos leprosos...”.

Além do clero, a nobreza também se preocupava com as refeições. Segundo Hilário Franco Júnior (2006, p. 130-131), a base da alimentação da nobreza era carnívora: carne de animais domésticos, vaca, vitela, carneiro e sobretudo porco, dentre outros. Todos esses

tipos eram geralmente assados, modo de preparação considerado nobre, ao contrário do cozido, reputado hábito popular por aproveitar o suco da própria carne. A bebida para acompanhar as refeições era o vinho. Já a sobremesa nas mesas aristocráticas podia ser alguma fruta fresca ou mais comumente frutas secas (figos, passas, amêndoas, nozes, etc.) ou, preferencialmente, uma torta ou bolo doce.

Não só os alimentos, mas o ritual das refeições e os instrumentos utilizados são elementos que expressam a distinção social da nobreza. O número de pratos servidos a cada uma das refeições variava principalmente entre as classes sociais. À mesa do rei, da nobreza e do alto clero seriam servidos três pratos ao jantar<sup>4</sup>, para além das sopas, acompanhamentos e sobremesas; quanto menor fosse o estatuto social, menor o número de pratos, que seria de dois ou apenas um entre os mais desfavorecidos. À ceia, os mais ricos veriam servidos dois pratos, enquanto os menos abastados apenas um (FERREIRA, 2008, p. 111).

Nuno Ferreira (2008, p. 111), ao tratar especificamente da alimentação em Portugal, chama a atenção para alguns rituais:

Um aspecto era comum a todos: a ausência de garfos levava a que fosse imprescindível lavar as mãos antes e após cada refeição, devido ao contacto destas com os alimentos. Nas casas mais ricas, servidores traziam à mesa “justas” ou “gomis” (de prata ou de outro metal), bem como grandes bacias, sobre as quais se colocavam as mãos. Por vezes, particularmente em banquetes mais importantes e requintados, utilizava-se água de rosas ou de outro perfume em substituição da água simples. Para limpar as mãos depois de as lavar eram usadas “napeiras” ou pequenas toalhas.

Também nos banquetes das casas mais abastadas era habitual a presença de peças de ourivesaria nas mesas, com fins não só utilitários como também decorativos. Cada prato, bem como o vinho, era precedido por um porteiro seguido por criados empunhando tochas. Os alimentos eram trazidos em terrinas ou bacias (FERREIRA, 2008, p. 111).

A alimentação também tinha um forte componente simbólico. Segundo Massimo Montanari (2006, p. 38), o próprio fato de comer muito era visto na ética aristocrática “como um sinal de distinção social, de força e de nobreza”. A equação “poder=alimento” só pode adquirir tal significação numa sociedade e numa cultura angustiadas pelo problema da fome cotidiana.

Já a alimentação dos camponeses estava baseada nos cereais, que forneciam as calorias necessárias para o esforço físico nas tarefas rurais. Cereais preparados sob forma

---

<sup>4</sup> Segundo Nuno Ferreira (2008, p. 111), no Portugal medieval existiam essencialmente duas refeições: o jantar e a ceia. A principal seria o jantar, que, ao longo da Idade Média, terá visto o seu horário mais habitual avançar das oito ou nove horas da manhã para as dez ou onze. A ceia era tomada entre as seis e as sete horas da tarde. Para além destas, o progressivo atraso na hora do jantar terá levado a que se instituisse uma outra refeição, o almoço, tomado pouco depois do levantar.



de papas e mingaus e especialmente de pão. Se para a aristocracia o pão era guarnição para os pratos de carne (junto com um pouco de salada ou frutas cozidas), para os camponeses era a base da alimentação. Na média, cada um deles comia meio quilo de pão por dia. O acompanhamento da comida camponesa era quase sempre vegetal, de legumes e verduras cultivados no lote que cabia a cada família nas terras do senhor. A carne era rara, pois não havia pasto suficiente para animais de grande porte, e quando uma família camponesa tinha um ou dois bois era para ajudá-la nos trabalhos agrícolas, puxando o arado, arrancando pedras e troncos. A bebida camponesa também era o vinho, diferente, porém, do das mesas aristocráticas por sua qualidade inferior (FRANCO JÚNIOR, 2006, p. 132).

As refeições camponesas não dispunham de tantos rituais e utensílios. Nas casas mais pobres encontravam-se sobre a mesa apenas os utensílios essenciais para as refeições, sendo o cerimonial em torno destas muito mais simples e informal (FERREIRA, 2008, p. 111).

## **Tema 2: A moradia na Idade Média**

A moradia também é um dos temas importantes para que os alunos possam estabelecer a conexão passado-presente. Para Le Goff (2005, p. 360), “a casa é a última manifestação de diferenciação social”. Abordamos aqui as diferenças entre a moradia da nobreza e dos camponeses na Idade Média.

A moradia característica dos nobres era o castelo, principalmente a partir do ano 1000. O castelo era signo de segurança e prestígio. No século XI erguem-se as torres e predomina a preocupação com a defesa. Depois, a decoração se define. Sempre bem defendidos, os castelos reservam mais lugar à habitação e no interior de suas muralhas se desenvolvem construções destinadas à moradia (LE GOFF, 2005, p. 360). Segundo Hilário Franco Júnior (2006, p. 134), os grandes castelos de pedra que podemos visitar ainda hoje pertenciam a grandes personagens, como reis, duques, condes.

Georges Duby (1990, p. 70) cita um texto da biografia do bispo Jean de Théroutane, do século XII, que descreve a construção dos castelos dos nobres:

Os homens mais ricos e mais nobres da região têm o costume de amontoar terra para dela fazer uma elevação, a mais alta que podem, de cavar ao redor um fosso tão largo quanto possível e muito profundo, de fortificar essa elevação por meio de uma paliçada de estacas solidamente reunidas, guarnecendo essa cerca com torres, se puderem, de edificar no interior do recinto, no centro, uma casa, que é uma fortaleza, dominando o conjunto, e cuja porta de entrada só é acessível por uma ponte.

Sobre os móveis dentro dos castelos dos nobres, Le Goff (2005, p. 361) afirma que

Mas a vida ainda se concentra na grande sala. O mobiliário continua reduzido. As mesas em geral são desmontáveis, sendo retiradas após as refeições. O móvel em geral é a arca ou baú, onde são arrumadas as roupas ou a baixela. Ela é o supremo luxo e também é uma reserva econômica. Como a vida dos senhores era itinerante, era necessário levar com facilidade sua bagagem consigo. (...) Outro luxo são as tapeçarias, que também têm sua utilidade: quando erguidas, funcionam como biombo e separam os quartos. São levadas de castelo em castelo, e para este povo de guerreiros elas lembram a habitação por excelência, a tenda.

Dessa maneira, podemos apontar que, embora houvesse luxo na moradia da nobreza, havia também a preocupação com a necessidade de transportar os móveis, pois a vida dos senhores é “itinerante”, elas deveriam ser levadas com facilidade em momentos de deslocamentos.

A casa camponesa, segundo Jacques Le Goff (2005, p. 360), é de adobe ou de madeira, a pedra servindo, quando utilizada, apenas no alicerce. A casa limita-se geralmente a um único compartilhamento e não tem por chaminé mais que uma abertura no teto. Pobrememente mobiliada e apetrechada, não retém o camponês. A pobreza concorria para a mobilidade do camponês medieval.

Hilário Franco Júnior (2006, p. 134) destaca que nas cabanas dos camponeses, as finas paredes de barro e gravetos não conseguiam impedir a entrada do frio. As tapeçarias ou lareiras, que podiam aquecer a casa, eram muito caras. O fogão colocado no centro da casa ficava aceso o dia todo cumprindo também essa função.

Na grande variedade das casas rurais da Idade Média, um tipo se caracteriza com nitidez, o da “casa longa”, chamada por vezes de casa mista:

Abrigando, sob o mesmo teto e nas duas extremidades opostas da construção, de um lado os homens, do outro algumas cabeças de gado. Essas duas categorias de ocupantes dispõem de um ou dois acessos comuns. Neste último caso, estes são frequentemente dispostos face a face na direção do centro ou no meio dos grandes lados (FOSSIER *apud* CONTAMINE, 1990, p. 442).

Cabe destacar a proximidade entre homens e animais na moradia camponesa. Havia uma “coabitação sem segregação dos animais e dos homens”, segundo Philippe Contamine (1990, p. 442), que aponta ainda que esse fato “não é exclusivamente resultante das condições econômicas particularmente duras”.

Hilário Franco Júnior (2006, p. 134) acrescenta que para enfrentar o frio, era comum que as pessoas dormissem muito próximas umas às outras e que naquele mesmo cômodo, separados ou não por um tapume, “fossem colocados os animais da família, cujo calor corporal aquecia as pessoas”. Já o mobiliário era ainda mais pobre e os utensílios domésticos (panelas, bacias, facas, barris etc.) poucos e grosseiros.

No entanto, ao longo da Idade Média, percebem-se mudanças na moradia camponesa, conforme aponta Françoise Piponnier (2006, p. 287-288):

Entre os séculos XI e XIV, contudo, a moradia camponesa evolui de modo espetacular, segundo ritmos e modalidades diversas. Empregando com maior frequência a pedra e, onde esta escasseia, recorrendo a uma arquitetura em madeira mais evoluída, associada ao barro e depois o tijolo, ela desenvolve uma superfície habitável que viabiliza uma maior especialização dos espaços. Sua disposição interna torna-se mais elaborada: edificação de lareiras, mesmo se as chaminés continuam a ser excepcionais, pisos de terra batida cuidadosamente nivelados; em alguns casos cavam-se silos, poços ou cisternas no interior das habitações.

### Tema 3: O lazer na Idade Média

O lazer estava presente no cotidiano das pessoas da Idade Média. Hilário Franco Júnior (2006, p. 136) aponta que “o lazer medieval por excelência estava nas muitas festas do calendário”, que reservava cerca de um quarto do ano a elas. Dentre as comemorações juninas, a principal era a de São João Batista, no dia 24. Dessas festas nasceu o teatro medieval, que se utilizava de temas do teatro antigo e de tradições folclóricas locais. Já no outono, a 29 de setembro, na festa de São Miguel, os camponeses pagavam suas obrigações anuais ao senhor da terra e, com a participação deste, celebravam o fim da etapa mais dura dos trabalhos no campo.

No dia 25 de dezembro, o antigo costume de trocar presentes naquele momento para estimular a fertilidade foi prolongado pelo cristianismo, que o justifica como comemoração do nascimento do Deus encarnado e como imitação do gesto dos magos que o presentearam (FRANCO JÚNIOR, 2006, p. 136-137).

Le Goff (2005, p. 362-363) afirma que a música, o canto e a dança estavam presentes em todas as classes sociais, sejam os cantos de igreja, as danças requintadas dos castelos ou as carolas<sup>5</sup> populares dos camponeses. Os homens da Idade Média “esqueciam-se das calamidades, das violências, dos perigos, encontrando segurança e abandonavam-se a esta música que envolvia sua cultura”.

No entanto, havia diferenças no lazer, que variava de acordo com as camadas sociais. Os senhores laicos apreciavam especialmente a caça (que servia sobretudo de preparação para a guerra), os banquetes em que se recebiam vassallos e forasteiros importantes, os torneios em que se podia ganhar fama e riqueza, os jogos aristocráticos, como o xadrez (FRANCO JÚNIOR, 2006, p. 135).

---

<sup>5</sup> Dança de roda medieval muito difundida na França e na Inglaterra (LE GOFF, 2005, p. 362).

Acerca dos torneios, Jacques Le Goff (2009, p. 14) afirma que estes “fascinaram não somente a casta cavaleiresca, mas também as multidões” Eles “consistiam tanto em exercício militar quanto em divertimento”. Segundo Jean-Michel Mehl (2006, p. 33), “é pelo jogo que a nobreza distingue-se, é no jogo que ela exhibe seu poder, sua riqueza e seu brilho”. A educação cavaleiresca já dava um grande espaço “à aprendizagem dos jogos de mesa e do xadrez, colocados no mesmo plano que a caça, o manejo das armas, o serviço da dama e a defesa dos fracos”.

Sobre o xadrez, Jean-Michel Mehl (2006, p. 26) explica que:

É somente no século XI que aparecem no Ocidente os jogos de xadrez, introduzidos a partir do Oriente pela conquista árabe ou pelo comércio dos varegues. As peças conservadas desta época são raras. (...) Quanto aos tabuleiros medievais, são sobretudo as descrições literárias, com todos os seus exageros, e os inventários principescos do fim da Idade Média que nos permite conhecê-los. Objetos pesados, de grande tamanho (às vezes de 1m de lado), são feitos de madeira preciosa, de azeviche e marfim, e sua decoração pode utilizar ouro, prata, jaspe, âmbar, cristal e pérolas.

Jean-Michel Mehl (2006, p. 27) aponta ainda que o Ocidente Medieval jogou com objetos como bolinhas de gude, bolas e varas, tacos de madeira ou metal, pinos de madeira e bastões.

Outra invenção que estava entre os divertimentos do homem medieval eram os jogos de cartas. Chiara Frugoni (2007, p. 67) aponta que surgiram “com certeza, na Europa do último quarto do século XIV”. Desde o surgimento dos baralhos, os reis da França interessaram-se pela sua fabricação, com vistas a obter rendimentos fiscais do jogo. A imagem do soberano como figura dominante do baralho representa “o controle monárquico sobre esse tipo de jogo”.

Conforme Hilário Franco Júnior (2006, p. 135), os que viviam nas cidades apreciavam diferentes jogos de azar, em particular de dados, praticados em praças públicas ou em tavernas, e que muitas vezes provocavam desordens. Os jogos de dados eram praticados em todos os lugares e em todos os meios (MEHL, 2006, p. 29). Os camponeses, dedicavam-se sobretudo a jogos ao ar livre, espécies de disputas esportivas que testavam a força e a habilidade físicas (FRANCO JÚNIOR, 2006, p. 136).

### **Relato de experiência: a alimentação, moradia e o lazer no ensino de História medieval em uma escola pública do Pará**

Diante de tudo o que foi exposto até aqui, na parte final deste artigo vamos socializar uma experiência de trabalho com os temas da alimentação, moradia e o lazer no ensino de

História medieval. Trabalhamos esses temas com turmas de 6ª série (7º ano) do ensino fundamental da Escola Municipal Professor Remígio Fernandez, localizada em Belém, distrito de Mosqueiro<sup>6</sup>, nos anos de 2013 e 2014.

Primeiro, é importante destacarmos alguns aspectos em relação à escola e aos alunos. A escola, localizada num distrito pertencente a Belém, possui várias características comuns à maioria das escolas públicas brasileiras: falta de recursos, materiais didáticos insuficientes, problemas de violência, etc. Soma-se a isso, o calor enfrentado pelos alunos, o que atrapalha a concentração durante as aulas, o que é agravado pelo horário em que funciona os Ciclos III e IV do ensino fundamental<sup>7</sup>: o turno intermediário, das 11:00h às 15:00h.

Sobre os alunos da 6ª série (7º ano), eles estão na faixa etária entre 11 e 15 anos. A maioria pertence a camadas sociais humildes; vários não tem pai ou mãe, morando com vários membros da família, como irmãos, avós, tios, primos. Alguns vão à escola de barco, por morarem em comunidades distantes do ‘centro’ do distrito, como a comunidade Caruaru. Como também é comum nas escolas públicas brasileiras, encontramos alunos que vivem em situação de risco: vítimas de violência, familiares envolvidos com drogas; outros trabalham para ajudar no sustento da casa.

Deparamo-nos também com o fato de vários alunos apresentarem dificuldades de leitura e compreensão de texto. É comum, durante a realização de exercícios baseados em textos, os alunos copiarem a resposta, mas não entenderem o que escreveram. Esse é um problema que o professor deve estar atento ao planejar suas atividades, pois a recepção do aluno que não tem um nível adequado de leitura e escrita correspondente à sua série pode fazer com que a atividade seja compreensível apenas para poucos. Nesse sentido, concordamos com a perspectiva de Vitória Rodrigues e Silva (2004, p. 71), que afirma que os professores de História, especificamente, precisam estar comprometidos tanto em atingir objetivos que são próprios da sua disciplina, quanto com o “desenvolvimento da leitura e da escrita”.

---

<sup>6</sup> Mosqueiro é um distrito pertencente a Belém, localizado a cerca de 70 km da capital paraense.

<sup>7</sup> A Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC) trabalha com os chamados “Ciclos de Formação”, sendo o Ciclo III constituído pela 5ª e 6ª série; e o Ciclo IV constituído pela 7ª e 8ª série. Nessa perspectiva, os Ciclos de Formação são pensados como uma forma de organizar os processos educativos, considerando as temporalidades do Desenvolvimento Humano com suas especificidades e exigências. Seu eixo estruturante são as idades da vida, a formação humana em seus tempos-ciclos da infância, da adolescência, da juventude e da idade adulta. O trabalho nos Ciclos de Formação proposto para RME de Belém mobiliza a escola para os princípios de totalidade entre conteúdo e forma, de incompletude do conhecimento científico, de participação dialógica na aprendizagem, de transformação e intervenção democrática. A prática pedagógica deverá avançar para a compreensão dos processos de desenvolvimento humano e em direção à escola enquanto espaço-tempo sociocultural de formação (BELÉM, 2012, p. 23-24).

Tendo em vistas estas dificuldades, mas também as encarando como uma oportunidade para nos renovarmos enquanto professor, realizamos um planejamento de quais temas seriam viáveis para se trabalhar a Idade Média na sala de aula. Após leituras de textos sobre o ensino de História e dos PCN's, entendemos que os temas da alimentação, moradia e o lazer seriam assuntos significativos aos alunos, pois são temas de fácil compreensão, já que fazem parte da realidade dos alunos, além da possibilidade de fazer conexões entre o passado e o presente.

O passo seguinte foi a elaboração de um material didático: duas pequenas apostilas de quatro páginas cada, uma intitulada *A alimentação na Idade Média*, e a outra *A moradia e o lazer na Idade Média*. Tais apostilas, constituídas de textos, imagens e exercícios, foram elaboradas a partir das obras *A civilização do ocidente medieval*, de Jacques Le Goff (2005); *A Idade Média, nascimento do ocidente*, de Hilário Franco Júnior (2006); e o artigo *A Alimentação Portuguesa Na Idade Medieval*, de Nuno Ferreira (2008).

Mesmo realizando uma adaptação para uma linguagem mais próxima dos alunos, percebemos que houve dificuldades de compreensão do texto, o que nos levou a uma leitura conjunta, em voz alta, esclarecendo os termos que não foram entendidos.

No primeiro texto, sobre a alimentação da Idade Média, realizamos algumas discussões e posteriormente foram elaborados alguns exercícios. Os exercícios tinham o objetivo de fazer com que os alunos identificassem as distinções sociais na Idade Média a partir da alimentação, além de estabelecer comparações com a alimentação de hoje, buscando relações entre o passado e o presente. A alimentação da nobreza e dos camponeses poderia ser identificada no próprio texto didático; já a comparação com a alimentação de hoje levaria em conta também uma resposta pessoal do aluno.

O exercício para dizer como era a alimentação ontem e hoje trouxe diversas respostas, enfatizando tanto as semelhanças como as diferenças:

Na Idade Média as pessoas comiam carne de animais, porco, galinha, etc. Hoje a gente também come essas carnes (ALUNO 1).

Hoje a gente come pizza, cachorro-quente, sorvete. Isso não tinha na Idade Média (ALUNO 2).

Hoje a gente come pão mais no café da manhã e no lanche (referência à alimentação camponesa) (ALUNO 3).

As respostas traduzem o exercício de comparação passado-presente. Algumas buscaram as diferenças, como o Aluno 2, que faz referência aos chamados alimentos característicos da sociedade contemporânea, como a pizza e o cachorro-quente, além do sorvete. Alimentos que tanto podem ser identificados como apropriados aos momentos de

lazer, como nos momentos de intervalo do trabalho, como os *fast-foods*, tão comumente consumidos na cidade grande. Já outro aluno focou no pão, fazendo referência a este alimento que era a base da alimentação dos camponeses. Mas ele abordou as diferenças, dizendo que o pão hoje é consumido no café da manhã e no lanche, e não como alimento de refeições como o almoço e o jantar. Por fim, o aluno 1 preferiu enfatizar as semelhanças, presente no consumo da carne de animais, comum na Idade Média e na atualidade.

A partir dessas respostas foi possível discutir também as desigualdades presentes no consumo de alimentos. Apesar de a sociedade contemporânea ter atingido níveis altos de produção de alimentos com o desenvolvimento tecnológico, a desigualdade permanece, com muitas pessoas morrendo de fome em várias partes do mundo<sup>8</sup>.

Assim, conforme aponta Fábio Ramos (2012, p. 112), tendo a alimentação como referencial, o professor pode trabalhar “questões universais e contemporâneas, tais como o preconceito cultural ou o abismo social entre ricos e pobres, tudo contextualizado por meio da História”.

Na atividade envolvendo a moradia e o lazer na Idade Média, o uso da comparação também foi bastante explorado. Alguns exercícios foram realizados no sentido de buscar as diferenças na moradia e no lazer da nobreza e dos camponeses. Outro exercício proposto foi a chamada “cruzadinha”, ou palavra-cruzada<sup>9</sup>, na qual os alunos procuravam no texto as palavras correspondentes às questões elaboradas.

Além desses exercícios, foi realizada a atividade com o desenho, no qual o objetivo era que os alunos desenhassem a moradia da nobreza, dos camponeses e a moradia de hoje. Tal atividade, que foi feita em dupla, estimulava a leitura, já que os alunos só saberiam as características da moradia na Idade Média se procedessem à leitura do texto. Além disso, também estimulava o exercício de relacionar o passado e o presente, comparando a moradia na época medieval e a moradia da atualidade.

Segue a seguir alguns desenhos feitos pelos alunos:

---

<sup>8</sup> Em 2012, a Organização Não Governamental (ONG) *Salvem as Crianças* divulgou relatório informando que a cada minuto morrem cinco crianças no mundo em decorrência da desnutrição crônica, sendo que os países africanos - Congo, Burundi, Comores, Suazilândia e Costa do Marfim - têm os piores dados referentes à fome no mundo desde 1990. Ver “Pelo menos cinco crianças morrem de fome por minuto, diz ONG” Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/pelo-menos-cinco-criancas-morrem-de-fome-por-minuto-diz-ong>> Acesso em 30 jul. 2015.

<sup>9</sup> O dicionário Aurélio define assim o termo palavra-cruzada: “Espécie de charada em que, achando a palavra que resume uma das definições dadas, o cruzadista a inscreve na conveniente fileira ou coluna de um desenho quadriculado, de tal modo que cada letra de uma palavra horizontal entre na composição de outra palavra vertical” (NOVO DICIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO, 2004).



**Figura 1:** Desenho feito por aluno da 6ª série/7º ano, comparando a moradia da nobreza, dos camponeses, e a moradia de hoje. 2014. Fonte: Acervo pessoal do autor.



**Figura 2:** Desenho feito por aluno da 6ª série/7º ano, comparando a moradia da nobreza, dos camponeses, e a moradia de hoje. 2015. Fonte: Acervo pessoal do autor.

Interessante ressaltar nos desenhos que alguns alunos representaram a moradia de hoje com vários compartimentos: sala, cozinha, quartos, quintal, garagem, etc., mas também relataram que, assim como na moradia dos camponeses, várias pessoas da família moravam juntas (avós, tios, primos, etc.), além de vários terem animais em casa, logicamente animais menores, como cães e gatos.



Outra atividade desenvolvida, também com desenhos, foi realizada a partir da leitura do texto *Ecos do passado: A Idade Média está muito mais presente no nosso dia-a-dia do que imaginamos*, de Hilário Franco Junior (2008, s/p.), do qual citamos o trecho abaixo:

Pensemos num dia comum de uma pessoa comum. Tudo começa com algumas invenções medievais: ela põe sua roupa de baixo (que os romanos conheciam, mas não usavam), veste calças compridas (antes, gregos e romanos usavam túnica, peça inteiriça, longa, que cobria todo o corpo), passa um cinto fechado com fivela (antes ele era amarrado). A seguir, põe uma camisa e faz um gesto simples, automático, tocando pequenos objetos que também relembram a Idade Média, quando foram inventados, por volta de 1204: os botões. Então ela põe os óculos (criados em torno de 1285, provavelmente na Itália) e vai verificar sua aparência num espelho de vidro (concepção do século XIII). Por fim, antes de sair olha para fora através da janela de vidro (outra invenção medieval, de fins do século XIV) para ver como está o tempo.

Consideramos esse texto importante, porque deixa claro aos alunos o quanto temos de ‘medieval’ no nosso dia-a-dia, o quanto de nossas ações diárias tem uma influência do medievo. Desse modo, solicitamos aos alunos que identificassem e desenhassem objetos inventados na Idade Média que fazem parte do seu dia-a-dia. Assim, roupas, óculos, espelhos, colher, garfo, etc., foram escolhidos pelos alunos na elaboração do desenho.

### Considerações finais

De modo geral, podemos considerar a experiência como positiva. Apesar da resistência inicial de alguns alunos quanto a leitura dos textos, houve um envolvimento de todos na realização das atividades.

Destacamos principalmente a atividade do desenho comparando a moradia na Idade Média e na atualidade, e o dos objetos inventados na Idade Média que fazem parte do cotidiano dos alunos. O desenho, que pode ser visto por alguns como banal ou considerado como uma atividade de alunos das séries iniciais, se mostrou uma “novidade” para os alunos nas aulas de História, até então acostumados a copiar apenas o conteúdo do quadro ou à leitura do livro didático. De certa maneira criou-se um impacto positivo. Além disso, a atividade em dupla possibilitou um maior envolvimento, já que se um aluno não entendesse o texto, o outro poderia auxiliá-lo, para assim, juntos, realizarem o desenho. Mesmo os alunos que apresentavam resistência à leitura do texto, para não dizer “preguiça”, se animaram a fazer os desenhos e a pintura destes.

Consideramos, assim, essas atividades mais significativas no aprendizado da História medieval do que a simples memorização das funções das classes sociais da Idade

Média, as obrigações servis, a relação dos movimentos heréticos, os cismas da Igreja, as listas das Cruzadas, etc., ainda bastante comuns nas escolas, por inúmeros fatores que fogem aos propósitos deste artigo, o que cria certo repúdio ao tema da Idade Média pelos alunos. Tais atividades permitiram aos alunos relacionar o passado e o presente, o que consideramos importante no ensino de História. Também se torna importante porque ajuda a desmistificar a ideia da “Idade das Trevas”, mostrando o quão medieval somos, pois temos hoje muitas heranças da época medieval.

Não estamos dizendo que esta é a “receita” para o ensino de História medieval. A abordagem demonstrada neste artigo deve ser analisada e criticada pelos graduandos e professores que lidam com o desafio do ensino nas escolas, sejam públicas ou privadas. No entanto, esperamos ter contribuído para que novas pesquisas possam relatar outras experiências no ensino de História medieval, o que em muito vai auxiliar no ensino-aprendizagem deste assunto tão importante na História.

---

#### MEDIEVAL HISTORY IN ELEMENTARY SCHOOL: AN EXPERIENCE REPORT IN A PUBLIC SCHOOL IN MOSQUEIRO DISTRICT, PARÁ STATE (BRAZIL)

**Abstract:** This article aims to treat Medieval History teaching to elementary school, suggesting the approach three themes: food, housing and leisure. We understand that the Middle Ages can be seen in the classroom from the everyday, which approximates this historical period of the reality of students and enables the past-present relationship, making the most significant learning. The article also reports an experience developed with students from 6th grade public school in Mosqueiro, district of Belem.

**Keywords:** Food; History teaching. Medieval History. Leisure. Housing.

---

#### Referências

BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro. (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: história*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BELÉM. Secretaria Municipal de Educação. *Diretrizes Curriculares Do Ensino Fundamental Ciclos III E IV*. Belém: SEMEC, 2012.

CAMPOS, Luciana de; LANGER, Johnni. A História antiga e medieval nos livros didáticos: Uma avaliação geral. *História e-história*. 04 mai. 2007. Disponível em: <[http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores&id=43#\\_edn23](http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores&id=43#_edn23)> Acesso em 08 ago. 2015.

CONTAMINE, Philippe. Problemas – Séculos XIV-XV. In: DUBY, Georges. (org.). *História da vida privada, 2: da Europa feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DUARTE, Teresinha Maria; OLIVEIRA, Diego Soares. O Ensino de História Medieval no EJA e nos cursinhos pré-vestibular em Catalão (2008). *Ensino Em Re-Vista*, v. 19, n. 2, jul. /dez. 2012.

DUBY, Georges. A vida privada nas casas aristocráticas da França feudal, Convívio. In: DUBY, Georges. (org.). *História da vida privada, 2: da Europa feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FERREIRA, Nuno. A alimentação portuguesa na Idade Medieval. *Revista da SPCNA*. Vol. 14, n. 3, pp. 104-114, 2008.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média, nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

\_\_\_\_\_. Ecos do passado: A Idade Média está muito mais presente no nosso dia-a-dia do que imaginamos. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. 02 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/ecos-do-passado>> Acesso em 08 ago. 2015.

FRUGONI, Chiara. *Invenções da Idade Média: óculos, livros, bancos, botões e outras invenções geniais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

\_\_\_\_\_. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no ensino de História. In: KARNAL, Leandro. (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MEHL, Jean-Michel. Jogo. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (org.). *Dicionário temático do ocidente medieval*. vol. II. Bauru-SP: Edusc, 2006.

MONTANARI, Massimo. Alimentação. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (org.). *Dicionário temático do ocidente medieval*. vol. I. Bauru-SP: Edusc, 2006.

MURILO, Marcelo da Silva. A Idade Média nos livros didáticos. *Anais do Colóquio de História Medieval*. Belo Horizonte: LEME/UFMG, 2013. pp. 111-127.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 13, n. 25/26, set. 92/ago. 1993, pp. 143-162.

*NOVO DICIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO VERSÃO 5.0.* 3 eds. Positivo Informática, 2004.

PEREIRA, Nilton Mullet; GIACOMONI, Marcello Paniz. *Possíveis passados: representações da Idade Média no ensino de História.* Porto Alegre: Zouk, 2008.

\_\_\_\_\_. Ensino de História, Medievalismo e Etnocentrismo. *Historiae*, Rio Grande, 3 (3), pp. 223-238, 2012.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro. (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.* São Paulo: Contexto, 2012

PIPONNIER, Françoise. Cotidiano. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (org.). *Dicionário temático do ocidente medieval.* vol. I. Bauru-SP: Edusc, 2006.

RAMOS, Fábio Pestana. Alimentação. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). *Novos temas nas aulas de História.* 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa. *História: Questões & Debates.* Curitiba, n. 42, pp. 11-31, 2005.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Alguns Apontamentos Acerca dos Germanos nos Livros Didáticos de História no Brasil. *Mirabilia.* Jun./ Dez., 2005.

SILVA, Edlene. Livros didáticos e ensino de história: a Idade Média nos manuais escolares do ensino fundamental. *História & Ensino*, Londrina, v. 17, n. 1, p. 07-31, jan. /jun. 2011.

SILVA, Vitória Rodrigues e. Estratégias de leitura e competência leitora: contribuições para a prática de ensino em História. *História.* São Paulo, 23 (1-2), pp. 69-83, 2004.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Cotidiano. In: *Dicionário de conceitos históricos.* 3 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

---

#### SOBRE O AUTOR

**Geraldo Magella de Menezes Neto** é mestre em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA); docente da Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA).

---

Recebido em 02/11/2015

Aceito em 14/12/2015